

ESTUDO SOCIOECONÔMICO DO ARTESANATO EM MANAUS

Diogo Del Fiori

Doutor em Ciências Econômicas (Economia Aplicada) pela Universidade de São Paulo (USP/Esalq), mestre em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e bacharel em Ciências Econômicas pela USP. Professor da Faculdade de Estudos Sociais da Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

E-mail: diogo_fiori123@yahoo.com.br

Rosana Zau Mafra

Mestra em Economia dos Recursos Naturais pela Okayama University, especialista em Inovação e Negócios (MBA) pela Fundação Centro de Análise Pesquisa e Inovação Tecnológica e graduada em Economia pelo Centro Integrado de Ensino Superior do Amazonas. Professora do Departamento de Economia e Análise da Faculdade de Estudos Sociais da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e coordenadora do Banco de Dados Bionorte.

E-mail: rosanazau@gmail.com

José Barbosa Filho

Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em Economia Rural pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e bacharel em Engenharia de Pesca pela UFC. Professor da Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

E-mail: jbarbosa@ufba.br

Stephanne de Souza Dias

Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Economista do Banco Itaú.

E-mail: rosanazau@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo averiguar, na cidade de Manaus, o artesanato no que tange à organização produtiva e à renda, considerando as perspectivas e dificuldades daqueles que trabalham nessa atividade. A metodologia deste trabalho engloba a pesquisa de campo, exploratória e bibliográfica. Em algumas localidades de Manaus, 43 artesãos foram entrevistados no período de janeiro a março de 2015. O resultado desta pesquisa mostra que grande parte dos respondentes está regulamentado com a profissão, pois possuem a carteira de artesão. A maioria deles está vinculada a alguma associação, e, mesmo que recebam ajuda do governo, isso não os isenta dos obstáculos com que se deparam. Com relação às dificuldades encontradas, embora a maioria deles não seja ambulante, no que diz respeito aos seus produtos, constata-se nível baixo de divulgação, ausência de segurança e higiene e precariedade da infraestrutura.

Palavras-chave: Artesanato; Economia criativa; Manaus.

1 INTRODUÇÃO

A atividade artesanal no Brasil é uma das mais ricas do mundo, tendo em vista a influência que recebe de inúmeras culturas. Além disso, nesse tipo de atividade são utilizados elementos da natureza, que contribuem para deixá-lo mais criativo em termos estéticos, permitindo a incorporação de atributos inerentes ao aspecto de uma determinada região do país. Os artesãos mais antigos do Brasil, responsáveis pela produção de peças de vestuário e artefatos, são os indígenas. Atualmente, os principais artigos produzidos de cunho artesanal, no Brasil, são joias, bijuterias, trançados (bolsas, chapéus, cestas etc.), rendas, entalhados em madeira e cerâmicas.

O artesanato faz parte de todas as culturas da Antiguidade, assumindo também uma identidade cultural, além ser uma atividade econômica. Mesmo com o crescimento da produção de bens industrializados, a atividade artesanal não perdeu sua importância, inclusive tem ganhado destaque no mercado mundial, de modo que tem contribuído para o desenvolvimento socioeconômico.

A produção do artesanato é caracterizada como manual, que tem por atributo processar matérias-primas usando de técnicas que abarcam valor cultural, habilidade e criatividade. O emprego de utensílios, artefatos e ferramentas também pode ser utilizado na produção artesanal (BRASIL, 2012).

No estado do Amazonas, a execução do trabalho artesanal é sustentável, pois há a predominância de insumos naturais em sua produção, como o jeni-papo, caulim, urucum, que são tinturas naturais, bem como elementos pertencentes à natureza, como verniz oriundo do breu do Jutaí, barro, fibras vegetais e sementes. No âmbito do capitalismo, para Schumpeter (1997), a inclusão de novos tipos de organização, tecnologias, novas fontes de oferta, novas mercadorias e meios de produção é mais importante do que a concorrência de preços. A atividade do artesanato moderno pode ser aplicada pela teoria econômica, haja vista a conquista de novos mercados em virtude do aprimoramento do artesanato ocasionado pelo emprego de novas técnicas. Portanto, é imprescindível, em cada região geográfica do Amazonas, explorar o potencial da produtividade artesanal com o fito de adquirir, nos mercados internacional e nacional, vantagens comparativas.

Quando se analisa um sistema produtivo local, faz-se imprescindível explicar os tipos de agentes presentes e, dessa maneira, entender as relações entre eles, com o objetivo de reconhecer as dificuldades e as potencialidades, com a meta de tornar esse sistema mais eficiente (AMARAL FILHO, 2011). Segundo Amaral Filho (2011), o impacto da atividade artesanal na formação de renda do Brasil ainda é muito baixo. Para que ocorra o fortalecimento desse segmento, é imprescindível que se tenha oferta de linha de crédito, além de investimento em *marketing*, logística, distribuição e capacitação.

O presente trabalho traz contribuições importantes ao descrever as condições econômicas e sociais do artesão na cidade de Manaus, capturado por meio da aplicação de questionário que envolveu 43 respondentes, e as medidas inseridas para o desenvolvimento dessa atividade econômica.

Este artigo está estruturado em cinco seções, sendo esta introdução a primeira delas. A Seção 2 apresenta uma revisão bibliográfica que abarca o conceito de artesanato, bem como a descrição das políticas de intervenção pública e privada a favor do artesanato. Na sequência, a Seção 3 abrange a metodologia utilizada no presente estudo: a pesquisa de campo, exploratória e bibliográfica. A Seção 4 contém os resultados. E, por fim, são apresentadas algumas conclusões.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Este item apresenta uma breve conceituação do artesanato. A seguir serão descritas as formas de divulgação, os órgãos de regulamentação e capacitação,

a assistência financeira e os cursos de qualificação do artesanato. Por fim, descreve-se a parceria do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) com programas do governo para a concessão do certificado selo Indicação Geográfica (IG) para a renda renascença do Cariri Paraibano e também com o programa de apoio à associação das paneleiras de barro de Goia-beiras no Espírito Santo.

■ 2.1 Conceito

O artesanato pode ser definido como toda atividade de cunho produtivo que culmine em artefatos e objetos finalizados, executados por intermédio de instrumentos rudimentares ou tradicionais ou de maneira manual, com criatividade, qualidade, destreza e habilidade (WORLD CRAFTS COUNCIL, 2013; SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS, 2004).

Exigem-se habilidade e destreza nos trabalhos manuais, embora empreguem padrões e moldes definidos, o que ocasiona produtos com baixa estética, por não serem oriundos de um processo criativo concreto. Isso ocorre pelo fato de o artesanato ser uma ocupação secundária, podendo ser um passatempo ou uma ocupação do tempo restante dos trabalhos domiciliares (SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS, 2004).

De acordo com a definição do Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), artesão é aquele que executa um trabalho de maneira individual, adquirindo produto final por meio da transformação da manufatura ou matéria-prima. A natureza produtiva e criativa e sua origem definem a classificação do produto artesanal, explicitando o potencial inerente ao produto e as características daqueles que o produzem. Ademais, definem-se os valores culturais e históricos do artesanato no espaço, tempo e local em que é produzido. Partindo dessa definição, designam-se cinco classificações para o artesanato: contemporâneo-conceitual, de referência cultural, tradicional, de reciclagem e indígena (BRASIL, 2010).

O artesanato tradicional é desenvolvido em pequenas comunidades ou realizado em família, já que há a transmissão do conhecimento de geração em geração. Existe grande valor nas peças em virtude da representatividade da memória da cultura de uma comunidade. Os produtos semi-industriais e industriais – “Industrianato/Souvenir” – são oriundos de uma larga escala de produção em série, com o emprego de equipamentos e máquinas de reprodução, formas e moldes, e os indivíduos possuem a informação de somente al-

gumas parcelas do processo. *Souvenirs* são utensílios cuja produção exprime identidade cultural e têm por meta atender ao mercado turístico.

O artesanato indígena caracteriza-se pela produção de objetos pelos integrantes de uma comunidade. Essa atividade faz parte do cotidiano da tribo, e sua produção é muito importante para esses grupos, pois expressa a cultura e as tradições deles. Grupos vizinhos de pouca magnitude e as famílias são a origem dessa modalidade de produção, o que torna factível a transmissão de conhecimentos no que tange aos desenhos originais, aos processos e às técnicas. O valor cultural dessa modalidade de artesanato, bem como sua imprescindibilidade, ocorre em virtude da existência de um passado, por observar as histórias transmitidas de geração em geração e também por compartilhar os costumes e usos de um dado grupo.

Caracteriza-se o artesanato de referência cultural como aquele composto de elementos tradicionais e culturais inerentes à localidade em que é confeccionado. Estão consorciados com artesãos e são originários do planejamento de *designers* e artistas, com a meta de tornar os produtos mais diversificados, mantendo os principais aspectos culturais.

No artesanato conceitual, a meta é realizar a produção tendo por base uma afinidade cultural ou um estilo de vida. O que diferencia essa modalidade de artesanato das outras categorias é a inovação, sendo esse o fator primordial, que distingue essa modalidade das outras. Essa modalidade de produto exprime valores e estilo de vida, explícitos na promoção atrelada, principalmente, à organização naturalista e ecológica.

O artesanato, além de ser fator de inclusão social e geração de renda de inúmeras famílias (principalmente no interior do Amazonas), é uma maneira de preservar a identidade cultural. Ademais, a concretização desses trabalhos não impacta negativamente a natureza, pelo contrário, o trabalho de cunho coletivo baseia-se na conscientização ambiental e social. Tais características permitem ao artesanato configurar-se com uma cadeia produtiva conhecida como arranjos produtivos locais (APLs).

De acordo com Cassiolato e Lastres (2003), os APLs são arranjos produtivos formados pela cooperação entre os agentes de cunho econômico representantes das empresas privadas, parceiros, governos e produtores, que possuem por meta concretizar uma cadeia de produção de serviços e bens. Outros responsáveis exercem um papel importante para tornar melhores a produtividade e a qualidade desses bens, como financiamento, pesquisa, desenvolvimento profissional e agentes de capacitação.

Contudo, os APLs necessitam adquirir maior nível de agregação de valor, produtividade e qualidade, entre outros atributos, embora sejam atividades que empreguem tecnologia. Dessa maneira, os APLs podem ser intensivos em conhecimento técnico e capital, dado que há inúmeros exemplos de sucesso em outras regiões do Brasil. Esse setor tem crescido em virtude do estudo e mapeamento dele (APOLINÁRIO; SILVA, 2010).

No Amazonas, o nível de produção do APL do artesanato é baixo. Quando se analisam os dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2013), verifica-se que o artesanato corresponde a 1% de toda a produção do estado, e a cidade de Manaus é destino de grande parte da venda desses produtos.

De acordo com Sawyer e Lourenço (2001 apud COSTA; SAWYER; NASCIMENTO, 2008), os APLs podem ser definidos como agrupamentos de produtores ou empresas que têm condições de promover crescimento de competitividade por intermédio da ação conjunta. De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2003), APLs são empresas aglomeradas que têm especialização na produção com localização em um mesmo território, mantendo-se alguma ligação de aprendizagem, cooperação, interação e articulação desses arranjos com outros agentes locais, como instituições de pesquisa, ensino e crédito, associações empresariais e governo, e também entre si.

Na próxima seção, apresentam-se a evolução das políticas governamentais para a inserção do artesanato no Brasil, os responsáveis pela qualificação de instituições privadas e públicas que trabalham nesse setor, os retornos dos programas estaduais e nacionais desenvolvidos e seus impactos sobre esse tipo de atividade artesanal.

■ 2.2 Programas, planos e projetos nacionais para a atividade artesanal

Um dos programas mais relevantes direcionados para a atividade artesanal, cuja coordenação está sob os auspícios da Secretaria da Micro e Pequena Empresa da Presidência da República (SMPE/PR) e das secretarias estaduais de trabalho, é o denominado Programa do Artesanato Brasileiro. Esse programa governamental foi criado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior como parte do Plano Brasil Maior, uma iniciativa de cunho industrial, que envolve sistemas produtivos com menor nível de complexidade. No Amazonas, a entidade que tem como atributo fazer o cadastro dos ar-

tesãos, solicitar pesquisas, promover exposições e fornecer as carteiras nacionais é a Secretaria de Estado do Trabalho (Setrab). Intitulado Programa do Artesanato Amazonense, esse projeto da Setrab visa fortalecer o artesanato e garantir os direitos do trabalhador manual, além de realizar parcerias com outros órgãos para promover o segmento.

Uma análise realizada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social em consórcio com a Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais – RedeSist (2010) apontou que o setor do artesanato recebia ajuda de instituições privadas e públicas no que tange à organização da produção, contudo constatou-se ainda ser baixo esse apoio. Observou-se também que, em grande parte das regiões do estado do Amazonas, essa atividade não logrou êxito no que se refere ao ingresso nos mercados nacional e internacional.

Entrementes, por intermédio do estudo das informações recentes da Setrab (AMAZONAS, 2015), é possível perceber que houve um aumento no número de artesãos cadastrados em todo o território amazônico. Ainda conforme a Setrab, em 2015, os artesãos do Amazonas comercializaram mais de R\$ 1,5 milhão com venda de suas peças. Em 2012, foi instaurado, por intermédio do Ministério da Cultura, o Observatório da Economia Criativa (Obec). O Obec é mais uma forma de divulgação de informações e produção no que se refere à economia criativa no Brasil, tendo em vista a presença de parceria entre as secretarias regionais e as universidades para o desenvolvimento de trabalhos científicos fundamentais para a concretização de políticas para esse setor. Uma das prioridades do Obec, de acordo com o Plano da Secretaria de Economia Criativa (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2012), é o artesanato, haja vista a vertente de economia criativa está atrelada a esse setor. Outros importantes programas criados pelo governo para divulgação e comercialização dos artigos artesanais são a Feira Nacional de Negócios do Artesanato (Fenearte), que já teve 16 edições, e a Feira Brasil Original, que é organizada pelo Sebrae. Para participar dessas feiras nacionais e internacionais são publicados, nos sites oficiais, editais de chamamento para a seleção de artesãos em todo o Brasil (SECRETARIA DE ESTADO DO TRABALHO, 2016).

Conforme se nota, apareceram nos últimos anos inúmeros programas nacionais de apoio à atividade do artesanato. O objetivo desses planos é tornar o artesanato mais profissional no Brasil. A seguir, serão descritos os programas relacionados ao artesanato na cidade de Manaus.

Os inúmeros programas pertencentes ao governo, que fazem parte de órgãos da esfera estadual, como o Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (Cetam) e a Setrab, e também de órgãos federais, como a SMPE e o Sebrae,

têm investido em regulamentação e capacitação do artesanato. Hoje, os microempresários e os artesãos desse segmento estão habilitados a emitir notas fiscais, o que lhes conferem a possibilidade de expor em feiras nacionais e também realizar exportação e importação. As exposições em eventos e feiras no exterior e dentro do país acarretam amplo destaque para o artesanato do Amazonas (AMAZONAS, 2013).

2.2.1 Especialização técnica da atividade

De acordo com as informações da Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico (2014), do período de 2010 a 2014, foram ofertados cursos de inclusão digital, qualificação profissional e técnica, como os cursos específicos para o artesanato. Esse crescimento pode ser notado de acordo com as informações da Tabela 1.

Tabela 1

Atendimentos realizados na Educação Profissional de 2010 a 2014

Descrição	Ano				
	2010	2011	2012	2013	2014
Formação Técnica	583	517	1626	3610	4497
Qualificação Profissional	40221	34483	55535	72232	59567
Inclusão Digital	24348	25902	20111	16603	32921

Fonte: Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico (2014).

Depois do fim do curso, o aluno que realiza trabalho autônomo possui a possibilidade de adquirir, na Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam), um valor de até R\$ 2.500,00 em crédito.

2.2.2 Recursos financeiros e formalização

Para Matos e Arroio (2011), existe elevado patamar de informalidade na economia do Brasil. Isso ocorre por causa do pequeno crescimento econômico e também do elevado nível de desemprego que o Brasil enfrenta. De acordo com as informações obtidas na análise desses autores, a indústria extrativa e a

de transformação, inserindo-se os APLs, são responsáveis por 15% das atividades informais.

A relevância das micro e pequenas empresas para o desenvolvimento do Brasil é corroborada por intermédio do surgimento, em 1996, da Lei do Simples Nacional. Entretanto, foi baixa a adesão a esse plano de tributação nos primeiros anos. No ano de 2006, houve mais uma iniciativa do governo federal para tornar o pequeno empreendedor mais forte, quando foi colocada em prática a lei geral das pequenas e microempresas, que definiu regras de caráter geral para conceder um diferente tratamento para tais empresas (BRASIL, 2006). Tendo por base os dados da Tabela 2, há a possibilidade de se notar a quantidade de atendimentos de 2011 a 2014, feitos pelo Núcleo de Apoio ao Empreendedor. Nesse ínterim, aconteceu uma elevação na demanda em virtude da assistência, mesmo com queda na quantidade de abertura de empreendimentos que são formalizados.

Tabela 2

Atendimentos realizados no Núcleo de Apoio ao Empreendedor (NAE)

Núcleo de Apoio ao Empreendedor	Ano			
	2011	2012	2013	2014
Atendimentos Realizados	2387	2673	2700	3022
Empresas Abertas	762	544	635	309
Indeferidos	1625	2129	2065	2713

Fonte: Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico (2014).

No ano de 2010, foi criado, pelo governo, o Programa de Promoção Social, sob a égide da Lei n. 3.584, que tem como meta consolidar os programas de caráter social, em parceria com entes privados e públicos, sob os auspícios da administração estadual. Esses recursos têm como meta ajudar na consolidação das atividades de desenvolvimento regional e sociais, não só do artesanato, como também de outros setores. Desde 2011 foram ofertados pelo programa R\$ 15 milhões em repasses.

Com base no que foi descrito, é possível constatar que os artesãos de Manaus possuem inúmeros programas destinados à obtenção de financiamentos, cursos de capacitação e eventos, contudo não se constataram programas revertidos para a obtenção de matéria-prima.

■ 2.3 Iniciativas relacionadas ao artesanato com identidade regional e seus efeitos

Esta subseção apresenta algumas iniciativas relacionadas ao artesanato com identidade regional, produto de matéria-prima local, que tem contribuído para o desenvolvimento da localidade onde é executado.

2.3.1 *Artesanato com capim dourado na região do Jalapão, em Tocantins*

Na região do Jalapão, a principal matéria-prima é o capim dourado. O artesanato, por meio da parceria do Sebrae com programas do governo, obteve a certificação IG, sinal de que vem ganhando importância no mercado brasileiro. Essa certificação possibilita mostrar a origem da atividade artesanal, e, com a inclusão desse selo, há a valorização no mercado desses produtos (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, 2013). Nessa região, a maioria daqueles dedicados ao artesanato é dona de casa e mulher, que enxerga no artesanato uma forma de melhorar a renda familiar. A produção e a comercialização beneficiaram a região, tendo em vista que o solo nesse território é predominantemente arenoso e fraco em nutrientes, tornando a atividade agropecuária impossível (ALMEIDA, 2007). A melhora do artesanato mostrou-se como uma forma sustentável e viável, haja vista que o produto vai para o mercado detendo um grande valor agregado, pois não existem custos de compra do capim dourado. Entretanto, algumas iniciativas estão sendo executadas para que ocorra o fortalecimento do produto no mercado, pois nem sempre é embutido no preço final o valor socioambiental (SOUSA; PEREIRA, 2012).

2.3.2 *Renda renascença do Cariri Paraibano*

No século XV, apareceu na Itália uma técnica de bordado denominada renda renascença. O trabalho de freiras missionárias responsáveis pelo ensino desse ofício foi o responsável pela vinda do artesanato ao Brasil. Nos séculos subsequentes, a prática desse artesanato alcançou mulheres de classes econômicas mais baixas, tornando-se moda principalmente na mesorregião da Borborema, localizada na Paraíba. Atualmente, detém maior número na cidade de Camalaú, São Sebastião do Umbuzeiro, Monteiro, Zabelê e São João do Tigre, já que o estilo de bordado feito à mão é muito conhecido e repassado entre as sucessivas gerações das famílias pertencentes à região.

O artesanato adquiriu selo de certificação IG por ser uma imprescindível origem de renda em virtude das características naturais da região, destacada pela presença de solos pobres e rios temporários. Para inúmeras famílias, a renda renascença é uma maneira de adquirir renda (MAXIMINO et al., 2010).

2.3.3 *Panelas de barro de Goiabeiras no Espírito Santo*

Esse artefato tem elevado valor cultural, pois é utilizado para preparar iguarias regionais. Essa modalidade de artesanato é originária da tribo Tupi-Guarani, sendo também produzida por descendentes de escravos e colonos que residiam no século XIX nas proximidades de localidades com a presença de mangue. É um trabalho de cunho feminino a produção das panelas de barro, uma atividade tradicional nessa localidade. Em 1987 surgiu a Associação das Panelas, com o fito de angariar maior suporte da iniciativa privada e do governo e tornar mais eficiente a produção das panelas. O Sebrae e o governo têm concedido incentivos à associação, visto que esse trabalho garante a renda de aproximadamente 120 famílias, que realizam em feiras e no galpão a comercialização e produção. Em 2006, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, foi consumado o registro dessa associação (RODRIGUES, 2010).

Nota-se que a atividade artesanal, por intermédio dessas ações, impactou positivamente a formação de renda de agrupamentos que teoricamente estariam em precariedade. Ademais, observa-se que o artesanato recebe apoio de instituições privadas e públicas para se desenvolver.

3

METODOLOGIA

Todo estudo científico caracteriza-se como uma maneira para entender alguma realidade, com a meta de ofertar uma positiva contribuição ao término do estudo, dessa forma cooperando favoravelmente para a mudança ou conservação da situação observada (SANTOS, 2011). Portanto, tomando-se por base Gil (1999), é preciso delinear a pesquisa científica para realizar o confronto dos dados encontrados no âmbito real com o arcabouço teórico. Para a inserção do marco teórico com o fito de realizar uma aproximação conceitual, é imprescindível classificar a pesquisa em explicativa, descritiva e exploratória.

Quanto à abordagem, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa e quantitativa, pois analisaram-se os números relativos ao artesanato e à percepção dos entrevistados quanto à atividade. A abordagem qualitativa não considera representação numérica, mas se preocupa com aspectos reais que explicam as dinâmicas sociais. Nesse tipo de análise, o que se procura é a obtenção de um sentido mais amplo para os dados analisados, mediante a ligação com os conhecimentos teóricos disponíveis. Embora a abordagem quantitativa seja mais direta e a qualitativa seja mais subjetiva, os dois métodos apresentam pontos fortes e se complementam para o melhor resultado da pesquisa (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

De acordo com Duarte (1998), uma característica básica da pesquisa qualitativa é selecionar dados pertinentes, dando mais peso para a importância da pesquisa do que para a quantidade de dados. Assim sendo, o rigor científico não deveria estar mais atrelado a comprovações matemáticas ou estatísticas, mas à imprescindibilidade dos resultados da pesquisa e dos dados que sofreram análise.

Em um estudo qualitativo, a definição da técnica a ser empregada está relacionada com a elaboração do problema que está sob investigação. Dessa forma, por intermédio da teoria, há a indicação de possibilidades de interpretação e sugestão de perguntas, tendo por função ser parâmetro para os resultados encontrados (LUNA, 2000 apud SUASSUNA, 2008).

Segundo Minayo (2000), a meta da pesquisa qualitativa é responder a indagações específicas, tendo por preocupação um nível de realidade impossível de ser mensurada nas ciências sociais. Nessa modalidade, está englobado um conjunto de atitudes, valores, crenças, aspirações, motivos e significados que abrangem um ambiente mais profundo no que tange às relações dos fenômenos e dos processos impossíveis de ser estudados por meio de variáveis. O argumento da autora baseia-se no fato de que qualquer pesquisa social deveria empregar o método qualitativo como elemento fundamental do seu objeto (MINAYO, 2000).

Em relação aos objetivos, esta pesquisa caracteriza-se como exploratória, uma vez que se utiliza de levantamento bibliográfico e entrevistas relativas ao problema pesquisado. De acordo com Gil (1999), uma pesquisa exploratória consta de levantamento bibliográfico e entrevista com pessoa especialista e experiente no setor. Ainda conforme o autor, o estudo de campo focaliza uma comunidade que não é necessariamente geográfica, já que pode ser de trabalho, estudo, lazer ou voltada para qualquer atividade humana. A pesquisa bibliográfica possibilitou identificar a importância da atividade ar-

tesanal para grupos que estariam em situação de vulnerabilidade. Essas informações secundárias foram obtidas de periódicos, artigos, teses, livros e monografias.

Segundo Polit e Hungler (1987), os pesquisadores podem empregar a pesquisa exploratória por duas razões. Primeiro, o cientista pode ser movido pela curiosidade e querer obter um entendimento rico dos fenômenos de interesse de um estudo descritivo. Isso é particularmente relevante quando uma nova área ou tópico está sendo investigado, para a qual nenhuma teoria satisfatória pode ser identificada. Segundo, às vezes, os estudos exploratórios são conduzidos para estimar a viabilidade e o custo da realização de um projeto de pesquisa mais extensivo ou rigoroso sobre o mesmo assunto. Para Babbie (1986), um dos atributos da pesquisa exploratória é a elaboração de perguntas específicas, que são realizadas desde o início do estudo como a única forma de abordagem. Assim, Babbie (1986) define as três finalidades da pesquisa exploratória: 1. simplesmente satisfazer a curiosidade do pesquisador e o desejo por melhor entendimento; 2. testar a viabilidade de elaborar um estudo mais cuidadoso; 3. desenvolver métodos a serem empregados em estudo mais cuidadoso.

Quanto aos procedimentos, esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e de campo. Foi realizado o levantamento bibliográfico de estudos científicos relativos ao artesanato no Brasil. A pesquisa bibliográfica é concretizada empregando-se material já existente, composto em grande parte de artigos científicos e livros. Embora as pesquisas como um todo necessitem de algum trabalho com esse atributo, existem estudos que são feitos exclusivamente por meio do uso de fontes bibliográficas. As fontes bibliográficas são responsáveis pela concretização de grande parte dos estudos exploratórios. As pesquisas têm como meta o estudo de inúmeras posições sobre um dado problema, bem como daquelas que abarcam ideologia (GIL, 1999).

Especificamente, o estudo de campo aborda uma comunidade, que pode ser de estudo, de lazer, de trabalho, ou outras que englobam alguma atividade humana, não precisando ser geográfica. O desenvolvimento da pesquisa é feito por meio de entrevistas com respondentes com a meta de adquirir suas interpretações e explicações do que acontece no grupo. Nesse processo, podem-se utilizar outros recursos, como fotografias, filmagem e documentos, além da observação direta das atividades do grupo objeto de estudo.

Na abordagem de campo, grande parte do trabalho é feita de forma pessoal pelo pesquisador. Nesse caso, é imprescindível que o pesquisador tenha uma experiência direta com o contexto de análise. O pesquisador deve ficar grande

parte do período na comunidade, tendo em vista que essa é a única maneira de compreender os costumes, as convenções e as regras que fazem parte do grupo que está sob análise.

Com relação ao levantamento bibliográfico, existe vantagem no emprego do estudo de campo, pois seus resultados são mais confiáveis pelo fato de a pesquisa ser feita no próprio local em que acontecem os fenômenos. Outra vantagem é a economicidade pelo fato de não necessitar de equipamentos específicos para a aquisição dos dados. Como existe maior participação do pesquisador, também há um maior nível de confiabilidade das respostas dadas pelos entrevistados.

No entanto, existem desvantagens no que tange ao estudo de campo. O tempo para o levantamento das informações por intermédio do levantamento bibliográfico é menor do que o estudo de campo. Outro aspecto negativo é o fato de ocorrer subjetivismo, no que diz respeito aos resultados da pesquisa, na interpretação e na análise.

Para Gil (1999), a entrevista é a mais adaptável de todas as técnicas de coleta de dados de que dispõem as ciências sociais. Para as atividades de campo foi aplicado um questionário composto por 28 questões fechadas e duas abertas, denotando uma entrevista semiestruturada realizada com os artesãos do município de Manaus, o que possibilitou caracterizar algumas variáveis desse segmento. Esse tipo de entrevista, segundo Manzini (1990-1991), está alicerçado em um tema em que é elaborado um roteiro composto de indagações, sendo acrescentadas outras perguntas que são elaboradas no decorrer da pesquisa, de acordo com as circunstâncias relacionadas ao momento em que a pesquisa está sendo realizada. Para o autor, essa forma de entrevista acarreta respostas não condicionadas às alternativas de respostas padronizadas, fazendo com que as informações apareçam livremente. Nesse tipo de entrevista, a utilização do gravador é normal, sendo mais conveniente quando existe o desejo de que as informações sejam obtidas de associações às quais o entrevistado pertença, surgindo dessa forma a resposta de forma mais espontânea.

Para Triviños (1987), na pesquisa semiestruturada, emprega-se questionário baseado em hipóteses e teorias relacionadas com o assunto do estudo. As perguntas seriam responsáveis pelo aparecimento de novas hipóteses oriundas das respostas dos respondentes. Esse autor ressalta que essas perguntas imprescindíveis que são responsáveis pela composição desse tipo de entrevista, no escopo qualitativo, não surgiram de forma espontânea, mas são fruto não somente da teoria que proporciona respaldo ao agir do pesquisador, mas

também do conjunto de informações adquiridas por meio do fenômeno social que é de interesse do pesquisador. A principal meta seria incluída pelo investigador e pelo entrevistador. De acordo com Triviños (1987), a entrevista semiestruturada favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...] de tal modo que no processo de coletas de informação, o pesquisador tenha uma presença atuante e consciente.

Marconi e Lakatos (2003) consideram que o formulário é um dos instrumentos essenciais para a investigação social, cujo sistema de coleta de dados consiste em obter informações diretamente do entrevistado.

A atividade artesanal está presente em diversos locais em Manaus, entretanto os entrevistados foram escolhidos de forma aleatória, cuja amostra intencional permite estimar relações entre as variáveis mais relevantes para este estudo. A característica da amostra intencional é o emprego de critérios preestabelecidos e a busca de amostras que tenham representação, por meio da inserção de grupos que detêm capacitação de ofertar informações fundamentais para as investigações. Na amostragem intencional, o interesse do pesquisador concentra-se no comportamento de alguns indivíduos da população, que, pelo fato de desfrutarem da comunidade em estudo, possuem as condições de ofertar as informações buscadas pelo pesquisador (GAYA, 2008).

Na entrevista realizada com os indígenas, Pinheiro (2013) empregou uma pesquisa de campo e bibliográfica ao estudar o artesanato no município de Rio Preto da Eva, onde se encontra o território indígena de Beija-Flor. Esse estudo permitiu encontrar a característica da atividade artesanal desenvolvida na comunidade, tendo como exemplo trançados, instrumentos ritualísticos e musicais, jogos, armas, adornos e também os atributos socioeconômicos da atividade artesanal, como o que o artesanato representa para cada etnia, localidade de aquisição da matéria-prima, a característica de cada povo e a etnia. Permitiu também constatar que a comunidade obtém insumos industrializados e de outras regiões, entretanto os insumos adquiridos da floresta são os que têm maior participação no total adquirido.

No tocante ao Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato, no município de Aquiraz localizado no Ceará, Lemos (2011) empregou o método quantitativo e qualitativo por meio de entrevistas semiabertas para a pesquisa. De acordo com a autora, foi permitido fazer um mapeamento dos impactos do programa na rotina dos artesãos por meio dessa metodologia. As informações oriundas desse estudo mostram que inúmeros artesãos não aceitam que esse

programa é eficaz, tendo em vista a precariedade do local para realizar comércio e porque é menor a renda com relação ao esperado.

De acordo com Flores et al. (2012), o levantamento bibliográfico e a pesquisa de campo ofertam um contexto mais real do cotidiano das artesãs em Minas Novas/MG, mais especificamente na região rural de Coqueiro Campo. No estudo, os autores realizaram entrevistas semiestruturadas com o fito de entender qual a relevância da mulher para a comunidade no que tange às suas funções culturais, econômicas e sociais. As informações desse estudo permitem inferir que a quantidade de mulheres que fazem parte dos projetos realizados na localidade está acima da quantidade de homens e que elas organizam o seu tempo entre as atividades domésticas e a elaboração das cerâmicas. Outra informação obtida é que o artesanato na comunidade é a fonte de renda mais primordial de grande parte das famílias.

Os entrevistados deste estudo se localizam em feiras ambulantes, com rotinas diárias ou semanais, como as feiras da Eduardo Ribeiro, da Praça Tenreiro Aranha e de outros locais no centro da cidade, ou em pontos fixos da cidade, como quiosques em *shoppings*, aeroporto e no Mercado Adolpho Lisboa.

Em eventos realizados pela prefeitura de Manaus e nesses pontos, as entrevistas englobaram 43 artesãos no período de janeiro a março de 2015. Os dados coletados para a execução deste artigo foram adquiridos por meio da resposta a um questionário formado por 30 perguntas. Houve tabulação no formato planilha das informações obtidas, dando ensejo à aquisição de indicadores para realizar as correlações necessárias com a literatura pertencente a esse artigo.

4

RESULTADOS

O objetivo da pesquisa de campo foi identificar a característica socioeconômica do artesanato e do próprio artesão. Não foi possível realizar um detalhamento por tipo de matéria-prima das atividades, gênero, faixa etária, faturamento médio, entre outros dados.

■ 4.1 Regularização da profissão: carteira e associação

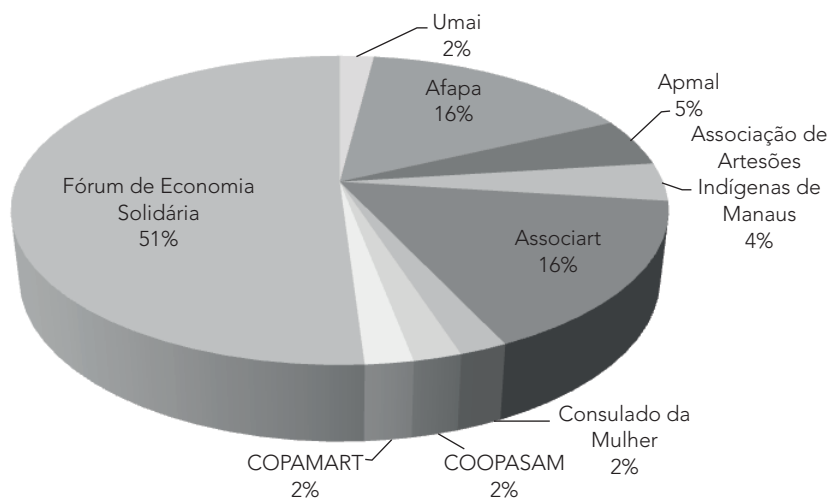
A carteira de artesão é responsável pelo surgimento de oportunidades para a atividade artesanal, pois concede aos artesãos um caráter formal no merca-

do. Entre as prerrogativas, está a possibilidade de emitir nota fiscal com isenção de imposto e a chance de participar de feiras e exposições nacionais e internacionais. Do total de respondentes, 23% disseram não possuir a carteira contra 77% que disseram tê-la. Entretanto, foi revelado por uma entrevistada que inúmeros indivíduos ingressam nesse segmento com o intuito de obter somente uma facilitação de empréstimo. Segundo a artesã, muitas pessoas produzem uma bijuteria só para conseguir a carteira e depois saem do negócio.

Daqueles que disseram possuir a carteira, 94% fazem parte de algumas das associações listadas: Umai Artesanatos, Fórum de Economia Solidária, Cooperativa de Trabalho de Artesanato Amazonense (Copamart), Cooperativa do Artesanato Sustentável do Amazonas (Coopasam), Consulado da Mulher, Associação dos Artesãos do Amazonas (Associart), Associação dos Artesãos Indígenas de Manaus, Assessoria Policial Militar da Assembleia Legislativa (Apmal), Associação da Feira de Artesanato e Produtos do Amazonas dos Artesãos da Eduardo Ribeiro (Afapa), entre outros. O Fórum de Economia Solidária é o que detém maior nível de membros, com 52% dos entrevistados, segundo o Gráfico 1.

Gráfico 1

Principais associações de artesãos em Manaus

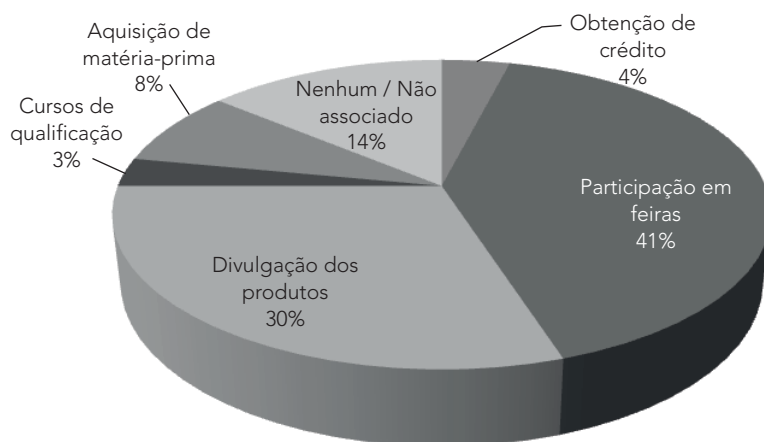


Fonte: Elaborado pelos autores.

Os grupos e as associações de artesãos são maneiras de organizar o trabalho, possibilitando atuação e impactos mais robustos em trabalhos da iniciativa privada e pública. Em relação aos benefícios, conforme ilustra o Gráfico 2, de participar de alguma associação ou cooperativa, a maioria, 41%, afirma que é pela oportunidade de participar de feiras, e 30% acreditam que é a divulgação dos seus produtos.

Gráfico 2

Benefícios de ser associado



Fonte: Elaborado pelos autores.

As cooperativas e associações têm respaldo de organizações privadas e públicas para fazerem parte de eventos e feiras (AMAZONAS, 2011a). No entanto, muitos respondentes afirmaram que a atividade artesanal carece de uma merecida atenção no mercado nacional e também local, e essa constatação está próxima daquela encontrada pela Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais (2010). Conjuntos de artesãos são organizados pela Setrab, para que possam participar de eventos internacionais e nacionais (AMAZONAS NOTÍCIAS, 2014).

4.2 Perfil dos artesãos quanto a gênero, escolaridade e capacitação

Do total dos respondentes, 21% são do sexo masculino e 79% do sexo feminino, mostrando que o artesanato é realizado majoritariamente por mulheres. As informações estão de acordo com outros estudos de âmbito nacional, cuja conclusão mostra que as artesãs são a maioria (VOX POPULI, 2013; SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS, 2013). Ademais, de acordo com Silva (2014), a produção artesanal ainda não é considerada pela lógica do capital, sendo separada historicamente dos espaços públicos.

Nota-se que os artesãos com idade superior a 50 anos são a maioria para os dois sexos: 56% do sexo masculino e 32% do sexo feminino, de acordo com as informações da Tabela 3.

Tabela 3

Classificação por gênero da atividade artesanal

Gênero		Total Absoluto	Total Relativo
Total		43	100%
Homens		9	21%
Entre 20 e 30 anos		1	2%
Entre 31 e 40 anos		1	2%
Entre 41 e 50 anos		1	2%
Acima de 50 anos		5	12%
Não declarou		1	2%
Mulheres		34	79%
Entre 20 e 30 anos		2	5%
Entre 31 e 40 anos		4	9%
Entre 41 e 50 anos		4	9%
Acima de 50 anos		11	26%
Não declarou		13	30%

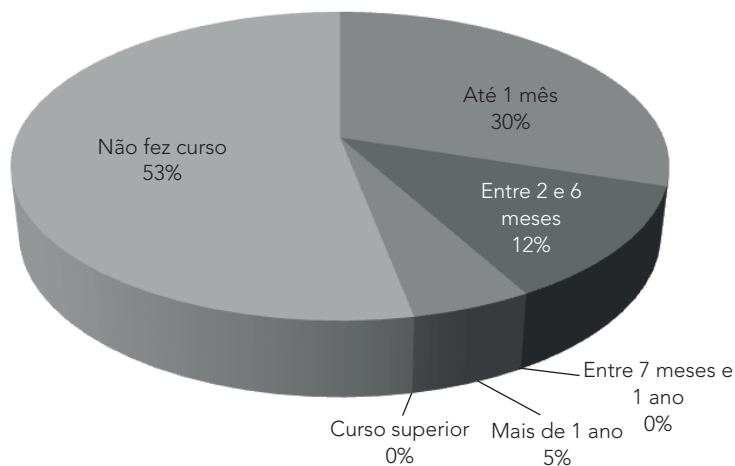
Fonte: Elaborada pelos autores.

Quanto à escolaridade, 7% têm somente o ensino fundamental e 93% têm o médio completo. A percentagem de escolaridade é semelhante ao resultado do relatório do Vox Populi (2013), em que os entrevistados que têm ensino superior ou médio concretizado equivalem a um percentual maior do que 80%.

Outro dado importante é que somente 47% dos respondentes disseram ter feito algum curso de curta duração voltado para o artesanato ou para a administração dos negócios, de acordo com as informações do Gráfico 3.

Gráfico 3

Período de duração dos cursos de capacitação



Fonte: Elaborado pelos autores.

Dos entrevistados, somente 4% fizeram cursos prolongados. Entre os cursos mencionados estão Matemática Financeira e Atendimento. Fazendo um estudo mais detalhado, observa-se uma renda maior do que três salários mínimos para os artesãos que fizeram cursos de longo prazo.

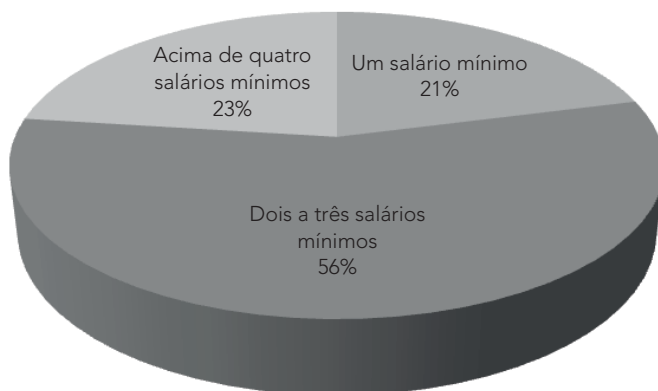
■ 4.3 Renda

Bijuterias, objetos de decoração e confecção são os preponderantes entre as categorias de artesanato. Todavia, vale destacar que grande parte dos artesãos

diversifica a sua venda para melhorar o faturamento, visto que, ao longo das visitas, observou-se que muitos vendem inclusive produtos alimentares de caráter regional, o que significa que a renda deve ser complementada. Constatou-se que mais da metade dos respondentes (51%) recebe entre dois e três salários mínimos, conforme mostra o Gráfico 4.

Gráfico 4

Categoria de rendimentos recebidos pelos artesãos entrevistados



Fonte: Elaborado pelos autores.

Dentre os 23% dos entrevistados que afirmaram obter uma renda acima de quatro salários mínimos, 90% disseram ser essa a única fonte de renda, e a maioria destes é proprietária do próprio empreendimento ou do estabelecimento comercial.

Com relação à mão de obra, a maioria (44%) afirmou que atua com membros da família. Esse resultado também se assemelha ao obtido no estudo do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2013), e, com base nesse contexto, entende-se que a atividade artesanal é um trabalho familiar.

O processo de aprendizagem e geração de conhecimento no âmbito das unidades produtivas dos artesãos está intimamente relacionado com a dominância das relações familiares no processo de trabalho. Isso influi diretamente na forma como é repassado o conhecimento tradicional, o conhecimento relativo às técnicas artesanais.

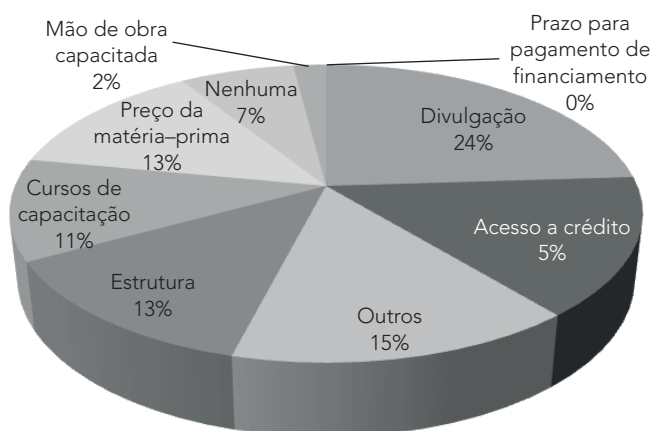
No que tange às atividades para acrescentar a renda, 86% dos respondentes informaram que essa é a origem da renda exclusiva e 14% possuem a atividade artesanal como um trabalho secundário.

■ 4.4 Dificuldades da atividade

Entre as barreiras mais perceptíveis, 24% informaram ser a ausência de propaganda, além de dificuldades no acesso ao crédito (15%), ausência de estrutura (13%) e cotação da matéria-prima (13%), de acordo com as informações do Gráfico 5.

Gráfico 5

Dificuldades declaradas pelos artesãos entrevistados



Fonte: Elaborado pelos autores.

No que diz respeito à ausência de propaganda, inúmeros entrevistados responderam que a Secretaria Municipal do Trabalho coopera organizando feiras para que os ambulantes possam apresentar seus produtos, entretanto alguns indivíduos avaliam que tais feiras não são frequentes. Quanto ao perfil dos clientes, constatou-se que a maioria é composta de turistas nacionais e apenas 10% são estrangeiros. Quanto àqueles que afirmaram ser a cotação da matéria-prima um dos principais obstáculos (13%), observou-se que ela é proveniente de outros municípios.

A não regularidade e a cotação da matéria-prima são adversidades atreladas àqueles que exercem atividade com objetos oriundos da diversidade biológica do Amazonas. Por isso, é necessário tornar mais forte o APL da atividade artesanal. Embora os APLs tenham sido os responsáveis pelo impulso econômico e social em algumas localidades do território brasileiro, em Manaus há embaraços para esse segmento, ocasionando a necessidade de se fazer um estudo mais amplo sobre a atividade do artesanal.

Com relação ao aperfeiçoamento proposto pelos respondentes, 24% requisitam uma melhor divulgação do artesanato e 16% buscam uma condição mais eficiente, ou seja, uma localidade fixa. A ausência de uma localidade fixa, o que denota sazonalidade dessa atividade, pode impactar a receita, pois, de acordo com alguns artesãos, o faturamento depende bastante da época e de quando há feiras. Ausência de banheiros e de segurança é outro quesito indicado como falta de infraestrutura.

Quanto à estratégia, não há impacto na renda declarada fazer venda nas localidades próximas a pontos turísticos. Outro ponto importante a ser destacado é que somente 2% disseram ter realizado estudo de mercado sobre o seu setor, e 95% ingressaram no segmento pela conveniência de executar um trabalho de cunho autônomo.

5

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A atividade artesanal é imprescindível para os grupos e as comunidades que se encontram com problema social, tendo em vista que se transforma em uma opção para adquirir a renda. Com relação a Manaus, constatou-se uma elevada percentagem de mulheres envolvidas no segmento. Por meio da pesquisa, constatou-se que essa é uma cultura inerente a uma sociedade em que a mulher foi projetada para executar esses trabalhos.

Grande parte dos respondentes afirmou possuir a carteira de artesão, um imprescindível documento para sua tarefa no que se refere à concretização da atividade e à obtenção de renda. Participar de cooperativas e associações também ajuda o artesão, embora haja várias barreiras, como uma baixa propaganda dos seus produtos, ausência de segurança e higiene, e baixo nível de infraestrutura das localidades em que os produtos artesanais são expostos.

Nota-se que, embora recebam ajuda da prefeitura e do estado, existe um consenso de que o artesanato não recebe o suporte suficiente para obter importância nos mercados internacional e nacional. É possível depreender que, para que o mercado do artesanato evolua, há a necessidade de assistência nas diferentes etapas do processo. As necessidades descritas neste artigo abarcam desde a obtenção dos insumos e a capacitação – tendo em vista que o aperfeiçoamento é uma condição imprescindível para agregar valor ao produto – até o crescimento externo e interno do mercado da atividade do artesanato no Amazonas.

A evolução do artesanato é uma notória necessidade. Por meio deste estudo, observou-se que muitos artesãos passaram a usufruir dessa atividade pela necessidade de executar um trabalho autônomo, e, dessa maneira, tornam-se fundamentais a cooperação de agentes públicos e uma integração mais robusta deles para a inclusão de programas cujos objetivos sejam obter matéria-prima, difundir o artesanato e capacitar o artesão.

A recomendação, portanto, é para que haja cooperação entre as universidades, a iniciativa privada e os órgãos governamentais, haja vista que as observações levantadas pelas análises descritas apontaram que a concretização da atividade artesanal recebe contribuição dos projetos de expansão.

Assim sendo, para futuros trabalhos, sugere-se uma descrição mais minuciosa dos artesãos. Para tanto, devem-se considerar os seguintes itens; modalidade de carteira e de atividade, mensuração do montante do faturamento e da produção, maneira de compra do insumo (reciclado, na natureza, atacado e varejo), gastos e custos, entre outros atributos de caráter econômico.

SOCIOECONOMIC STUDY OF HANDICRAFT IN MANAUS

Abstract

This article aims to find out, in the city of Manaus, the craftsmanship with regard to productive organization and income, taking into consideration the perspectives and difficulties of those who work in the handicraft. The methodology of this work encompasses field research, exploratory and bibliographical. In some locations in Manaus, 43 artisans were interviewed in the period from January to March 2015. The result of this research shows that most of the respondents are regular with the profession since they have the artisan's portfolio. Most of them are linked

to some association and even if they receive help from the government, this does not exempt them from the obstacles they face. Regarding the difficulties encountered, although most of them are not mobile, in terms of their products, there is a low level of disclosure, lack of safety and hygiene, and poor infrastructure.

Keywords: Craftwork; Creative economy; Manaus.

Referências

ALMEIDA, F. *Os desafios da sustentabilidade*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

AMARAL FILHO, J. do. *Sistemas e arranjos produtivos locais*, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/4MC2yx>> Acesso em: 16 jan. 2015.

AMAZONAS. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas. *Programa Artesanato Sustentável do Amazonas desperta interesse dos europeus*, 2011a. Disponível em: <<http://bit.ly/12iMfRS>>. Acesso em: 4 abr. 2014.

AMAZONAS. Secretaria de Estado do Trabalho. *Setrab cadastra novos artesãos em Manaus*, 2011b. Disponível em: <<http://www.amazonas.am.gov.br/2011/07/setrab-cadastra-novos-artesoes-em-manaus/>>. Acesso em: 4 abr. 2014.

AMAZONAS. *Governo do Amazonas incentiva crescimento de artesanato sustentável*, 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/YU8iWI>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

AMAZONAS. Secretaria de Estado do Trabalho. Sistema de informações governamentais do Amazonas (e-SIGA). *Artesãos cadastrados*. Disponível em: <<http://bit.ly/15M5G84>>. Acesso em: 26 dez. 2016.

AMAZONAS NOTÍCIAS. *Setrab-AM leva artesãos amazonenses para exposição em São Paulo*, nov. 2014. Disponível em: <<http://www.amazonasnoticias.com.br/setrab-leva-artesao-amazonenses-para-exposicao-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

APOLINÁRIO, V.; SILVA, M. L. (Org.). *Políticas para arranjos produtivos locais*. Natal: EDUFRRN, 2010.

BABBIE, E. *The practice of social research*. 4. ed. Belmont: Wadsworth, 1986.

BRASIL. *Lei Complementar n. 123*, de 14 de dezembro de 2006. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp123.htm>. Acesso em: 6 abr. 2015.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. *Programa do Artesanato Brasileiro*, 2010. Disponível: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2010/10/portaria-padroniza-conceitos-basicos-sobre-o-artesanato-no-brasil>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. *Programa do Artesanato Brasileiro*. 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/aLybqV>>. Acesso em: 17 jan. 2015.

CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. O foco em arranjos produtivos locais de micro e pequenas empresas. In: LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M. L. *Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

COSTA, H. A.; SAWYER, D. R.; NASCIMENTO, E. P. Indicadores de sustentabilidade em arranjos produtivos locais (APLs) de turismo no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DA PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 2008, Brasília. *Anais...* Brasília, 2008.

DINIZ, M. B.; DINIZ, M. J. T. *Arranjo produtivo do artesanato na região metropolitana de Belém: uma caracterização empírica*. 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/3kvQ1t>>. Acesso em: 31 maio 2015.

DUARTE, C. *Uma análise de procedimentos de leitura baseada no paradigma indiciário*. 1998. Dissertação (Mestrado em Linguística)–Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

FLORES, C. A. et al. A relevância do trabalho de artesanato das mulheres na comunidade rural de Coqueiro Campo Minas Novas/MG. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 21., 2012, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/nRzPGs>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

GAYA, A. *Ciências do movimento humano: introdução à metodologia da pesquisa*. Porto Alegre: Artmed, 2008. 304 p.

GERHARDT, T. A.; SILVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, R. G. *Políticas públicas para arranjo produtivo local: o caso do APL de têxteis e confecções de Cuiabá e Várzea Grande/MT*. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/mEJGyq>>. Acesso em: 18 jan. 2015.

LEMOS, M. E. S. *O artesanato como alternativa de trabalho e renda*, 2011. Disponível em: <<http://www.mapp.ufc.br/images/disserta%C3%B5es/2011/MARIA-EDNY-SILVA-LEMOS.pdf>>. Acesso em: 12 ago, 2016.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v. 26-27, p. 149-158, 1990-1991.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

MATOS, M. P.; ARROIO, A. *Política de apoio à micro e pequenas empresas no Brasil: avanços no período recente e perspectivas futuras*. 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/nx1eOd>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

MAXIMINO, J. E. B. et al. *Desenvolvimento local: um estudo sobre as mulheres rendeiras do Cariri Paraibano*. 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/at7tsZ>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

MINAYO, M. C. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MINISTÉRIO DA CULTURA. *Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011-2014*. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/oIMGAN>>. Acesso em: 3 jan. 2015.

PINHEIRO, A. M. A produção de artesanato para o mercado como motivação para a fundação da

terra indígena Beija-Flor. *Revista Perspectiva Amazônica*, Santarém, v. 6, n. 3, p.17-34, maio 2013. Disponível em: <http://www.fit.br/revista/doc/6_85.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2016.

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. *Nursing research: principles and methods*. 3. ed. Philadelphia: J. B. Lippincott, 1987.

RODRIGUES, L. H. *Etnografia da produção e comercialização de painéis de barro pelas paineleiras de Goiabeiras*. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/issue/view/131>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

SCHUMPETER, J. A. *Teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Os economistas).

SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. *Relatórios de ação governamental*, 2014. Disponível em: <<http://www.seplancti.am.gov.br/pagina.php?cod=103>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

SECRETARIA DE ESTADO DO TRABALHO. *Fenearte é um marco para o artesanato brasileiro*, 2016. Disponível em: <<http://www.setrab.am.gov.br/fenearte-e-um-marco-para-o-artesanato-brasileiro/>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. Programa Sebrae de Artesanato, 2004. Disponível em: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/83B80234261B-3CD683257249004FEBEF/\\$File/NT00034A92.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/83B80234261B-3CD683257249004FEBEF/$File/NT00034A92.pdf)>. Acesso em: 25 fev. 2016.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. *Pesquisa com comerciantes de artesanato*, 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/Ay6hq9>>. Acesso em: 24 jan. 2015.

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. *Termo de Referência para atuação do Sistema Sebrae em arranjos produtivos locais*. Disponível em: <http://cppg.am.sebrae.com.br/apl/popup.htm#LinkTarget_273>. Acesso em: 20 nov. 2016.

SOUSA, A. T.; PEREIRA, M. D. R. *Perspectivas e consolidação socioeconômica da atividade artesanal do capim dourado em Ponte Alta do Tocantins*, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/BaBwaW>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

SUASSUNA, L. Pesquisa qualitativa em educação e linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 341-377, jan./jun. 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VOX POPULI. *Relatório de pesquisa*. Centro CAPE – Cadastro, 2013. Disponível em: <<http://www.centrocape.org.br/arquivos/3422e6365b90d922ca683e99f3880653.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2015.

WORLD CRAFTS COUNCIL. *Handicraft*, 2013. Disponível em: <<http://www.worldcraftscouncil.org/>>. Acesso em: 12 jan. 2016.